

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Barcellos, 6 de julho de 1902

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Red: e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

ARNALDO BRAZ

Nem alto nem baixo (*tem-te lá não caías*); cabelo algo loiro; bigodito um pouco acima de buço; tez branca; olhar expressivo; feto cuidado,—eis um ligeiro instantaneo do nosso collega de redacção Arnaldo Braz.

São varios os aspectos por que pôde ser encarado o todo moral e intellectual d'este distincto rapaz barcellense.

Estudado na familia, é um filho sincero e um irmão extremoso.

Tem na nossa sociedade um destaque muito gentil como galan de phrase prompta, expedita, ferindo bem o alvo...

E' espirito fino, intensivo, claro, que alimenta as cavaqueiras ociosas de Barcellos, em que é *habitué*, com grande variedade de conhecimentos, adquiridos á força de uma vontade persistente.

Possue character apreciavel, provado já em lances difficeis, já na sua linha de conducta igual, leal, lisa, —harmonisada sempre entre *as palavras e factos*.

Redactor da «Lagrima», não lhe nega o seu concurso litterario quan-

do lhe é solicitado ou vem espontaneamente offerecel-o, com grande prazer nosso. E os seus trabalhos sobresaem—pela clareza da fôrma, pelo fiel da observação e muito pela elevação da ideia.

... Ha uma antithese muito notavel entre o conversador ironico, alegre, vivo, e o escriptor faceto... O quanto se encontra á vontade nos dominios da pilheria fallada, vê-se confuso no escripto em que haja de abrir a gargalhada!

E' um amigo modesto, servical, incapaz de tergiversar no caminho do dever, na sociedade e no lar domestico.

Esta hom en age m que hoje aqui prestamos, não vae criar a responsabilidade ao Arnaldo Braz de se sustentar de futuro no aprumo que se criou—para nunca desmentir a verdade das nossas palavras—porque é innatamente bom, ao mesmo tempo que edificado, fino e illustrado.

O nosso amigo Arnaldo é filho da exm.^a sr.^a D. Victoria Braz, uma distinctissima e bondosa senhora brasileira, e do nosso patricio exm.^o sr. João Braz, um cavalheiro illustrado, muito amêno de trato.



Chronica festeira

Um mez de completo regabofe. Festas, festinhas e festanças em cada canto, em cada rua, por toda a parte, sob a invocação de todos os santos, havidos e por haver.

Começou pelo Santo Antonio de Padua, natural de Lisboa e agora residente n'esta freguezia de Martim, dizia o pintor do tal retabulo.

Teve a sua festa no largo de S. Francisco e capella de S. Christovão no dia de S. Victor. «A Lagrima» no seu ultimo n.º já cantou em verso sonoro esta festa.

Veio depois a festa do *Festas* na estação do caminho de ferro. Esta divergiu um pouco das restantes festas.

Teve casacas e cartolas e tropa de grande *aliforme*. Ouviu hymno da Carta em vez do *Viva*, e os requebrós cadenciados das dansarinas foram substituidos pela posição marcial da voz de—sentido—. Fazem, pois, differença. Este é santo da terra e actualmente milagreiro, os outros são do Ceo.

Segue-se o S. Luiz Gonzaga, patrono dos estudantes dados á cabula.

O Silva que quer arranjar as boas graças do Santo, como as velhas as do S. Gonçalo de Amarante, fez-lhe uma festinha.

Ah! o S. João! o meu rico S. João! esse é que foi o chic dos festejados. Faz lembrar uma lista de restaurante tão variadas foram as festas que lhe fizeram.

Os de Barcelinhos parodiaram os tempos da antiga cavallaria em que havia brilhantes torneios e os cavalleiros vinham á liça, cheios d'amor, proclamar a belleza e partes adjacentes das suas damas. Com a mudança dos tempos mudaram os costumes. Os cavalleiros fizeram illuminações e as damas acobertaram-se com o S. João que, sendo um grande alcoviteiro, sem offensa, consentiu n'isso, e arranjou, para divisa, os cognomes—da Ponte e do Tanque—.

Milagrosa providencia foi essa porque como ambos servem a agua na freguezia, as cabeças não esquentaram e houve muito juizinho. Tambem o que faltava era que rapazes amigos e patricios se esmurrassem as ventas por tão somenos coisal.

Procederam como pessoas de tino. Assim é que é.

Dizem que um tolo encontra sempre outro mais tolo que o segue, e d'ahi duas festasinhas, ainda ao S. João, é na villa, ruas Faria Barbosa e Infante D. Henrique.

Fecha este extenso agiologio a festa do Lili, tambem ao S. João. Não teve adversario, mas a embirra dos foguetes e bichinhas com as damas.

É o S. Pedro, coitadinho!, pescando nas aguas turvas, não apanha nada, nem sequer dezreisi-

nhos de rolo. Pois, para nós, este não é dos peiores, basta ser o chaveiro da celestial manção.

Para cada uma d'estas festas eram 40 e tantas commissões de peditorio, afora as creanças que pediam por conta propria. No meio de toda esta despeza fizemos uma economia, a carteira em punho para não rasgarmos o bolso com o constante metter e tirar.

De tudo isto prova-se que nós não nascemos para trabalhar, mas sim para pedir, sem o que não podemos viver. Quem não pedir não é gente, não faz figura, mas o pedido vae-se tornando, pela insistencia, em assalto á bolsa. E' preciso pôr cobro a tanto pedir. Pede-se para tudo e por tudo, a mais insignificante cousa é pretexto.

Que sirva de exemplo a festa de hoje. Todos gosam e não ha peditorio.

*

Pós d'escripta—O Serafim, no Campo de D. Carlos, tambem deitou festa com illuminação, bandeiras, cascata e, sobretudo, muita animação. Um elegante coreto formado sobre duas barricadas veijas era o ponto da pasmaceira, por que n'elle mal cabiam o Serafim e outro rabequista, que ninguém conhecia.

Explica-se pela grande attracção que os bons artistas tem uns para os outros. Fizeram musica em todos os generos e escolas, com um variadissimo repertorio desde o *Rei chegou até á Caninha Verde*.

A festa terminou quando, a luz da ultima griseta morria por falta d'azeite.

Podemos cravar a setta da nossa fina ironia no sympathico Maneca Esteves ou no bondoso Percirinha; podemos sacrificar o padre Cunha, por môr da nossa excepcional graça, que tudo corre pelo melhor dos mundos possiveis...

Podemos chalacear com as berrantes meias vermelhas do nosso rico dom Prior e com o grande genio do Ferruge... sem receio da integridade das nossas costellas e do nosso caracter.

... Muda, porém, de figura isto tudo, desde o momento que o visado pela nossa eloquente piada seja o Ferreira Valle.

*

No penultimo numero dissemos que estê insigne barbeiro foi a Abbade de Neiva, a convite do Chiteiro, para comer carneiro e que este nosso illustrado e prestimoso correlligionario não deu mé... ao seu convidado, mas sómente vinho!

Parece á primeira vista que o Ferreira Valle devia acher muita pilheria ao nosso relato e pouco espirito á partida do parochiano do amigo padre Leituga.

A LAGRIMA

Pois não succedeu assim!

Foi p'ra loja do Carmona, p'ra dos Duartes, p'ra do Frudeico,—dizer que somos dentista de feira, que bebemos demais, sendo preciso irmos muitas vezes em braços para casa, e outras bellezas que, se não tivéssemos o acanhamento que nos caracteriza e a cobardia que nos é innata, devíamos convidar o Ferreira p'ra um duelo *à cavatrinhas*.

Que má sorte nos enguaiçal

O Chiteiro promette anho ao Ferreira Valle, não lh'o dá, e ficam ambos de bem, e nós por louvarmos pouco a acção d'aquelle cavalheiro, somos abocanhados pelo figaro,—desde ladrão a sacripante!

Pois continue lá com a língua a trabalhar que nós apresentaremos quinzenalmente aqui as nossas queixas.

Arrel que é termos pouca sorte?

Você, seu Chiteiro, não dá o carneiro ao homem e fica de bem com elle, e cá a gente por o dizer, só por o dizer, deixa-o arrenegado!

«Ma raios partam a politica!»

Chronica-Versatil

Acho graça, francamente,
A essa ordem terminante
De todo o commerciante,
Murcieiro *entabacado*,
Não poder fazer negocio
Sem a gentil taboleta
Na porta, que em tinta preta
Tenha escripto—*Habilitado*.

E, leitor, era bonito
Que a ordem fosse geral
N'este nobre Portugal.
—Oh! Que risota engraçadal
Ver ali qualquer menina
Não poder usarchapeu,
Sem trazer no peito seu
A palavra—*Habilitada*.

Ou, então, qualquer burguez
De caracter impoluto,
Não pode fumar claruto,
Pachorrento, socogado,
Sem o raio do lettreiro
Nas costas largas, que diga
A palavra da cantiga,
Letra gorda—*Habilitado*.

E, se eu cahisse de cama
Co' uma doença mortal,
Que me levasse afinal
P'ra o reino santificado,
Não ter licença p'ra ir
P'ra baixo da terra fria,

Sem a celebre sangria
Da palavra—*Habilitado*.

Se uma pobre mulher
«Stivesse para ser mãe,,
Ter d'escrever (notem bem)
Na testa, em letra encarnada,
Uma palavra sómente,
Que de longe se notasse
E na qual se divisasse,
Bem claro—*Habilitada*.

E, p'ra cumulo da piada,
Não poder cá o chronista,
Descobrir á vossa vista
O seu estro aureolado,
Sem trazer, como licença,
Nas minhas costas vergadas,
Para o alvo de risadas,
A palavra—*Habilitado*.

Furão.

«Barcellos por dentro»

Está definitivamente designado o dia 20 d'este mez para a inauguração do «Gil Vicente».

Alguns dandys fôfos, com ar de critica, têm carregado a sobrelleira quanto á inauguração do theatro com uma revista.

Ha burrices—e cumulativamente ingenuidades—que não correspondem o ar supremo que exteriormente aparentam os seus auctores!

Se é certo que muito se entrou na reforma do theatro portuguez pela revista, com Gil Vicente á frente, mal seria, até, que não fosse com um dos generos principalissimo d'este celebre auctor, filho d'uma nossa patriaefia—que se abraisse a nossa casa de espectaculos!

... Não comprehendemos—m'diante os principios da moralidade—que deva explorar-se a phrase pornographica, nem o motivo immoral!

Uma revista deve envolver em si grande fundo de verdade educativa.

Ha de ser, necessariamente, pela satyra, pela troça, pela ironia, que se deve produzir ensinamento proveitoso nos costumes!

«Barcellos por dentro», que ainda não demos direito a ninguem de capitular *de revista*, não explora a *bambolheira*, a *bambochata*, a... obscenidade!

... Escripita a vôo d'ave, com a vontade patriotica de vermos o theatro barcellense inaugurado por filhos d'esta terra, não nos moveu a vaidade? ao abalançarmo,—nos á sua urdidura!

A nossa pequena povoação—sem *meio* para as diferentes especialidades da arte de Palma—melhormente pode aceitar o dito alegre, o numero de musica viva, que o drama de phrase bem lapidada, de situações delicadamente tratadas!

A LAGRIMA

Quando na ultima segunda-feira liamos o 1.º acto da peça inaugural ao nosso amigo sr. José de Bessa—que é um espirito culto e viajado—e desviamos a nossa conversação sobre este objectivo, frisamos a difficuldade que tivemos de nem sempre podermos fugir ao plebeismo d'algumas phrases, pelo effeito do caracter local!

...S. ex.^a lembrou-nos o critico francez—cremos que do «Gil Blas»—que poz em evidencia, com uma observação minuciosa, com uma sciencia rara, alguns senãos de canto da grande Patti e que, por ella *se não corrigir*, prometteu não mais a escutar...

Passado tempo, o jornalista—accommettido por grande tédio—, appareceu no theatro onde aquelle astro de primeira grandeza refulgia em plena luz, sem o esperar. A sala de espectáculos via-se pouco frequentada e Patti descobriu o seu critico, satisfez-lhe ás exigencias de hontem! Este, n'um entreacto, annuncia-se á grande cantóra e presta-lhe as homenagens devidas. E ouve-lhe esta phrase symptomatica:

—Hoje cantei para o sr.; porque, de resto, costume cantar para o...publico.

E, d'ahi, vir isto em reforço da nossa humilde opinião.

Barcellos tem um restrictismo de individuos habilitados a comprehender o dito da requintada ironia ou a phrase com grande elevação philosophica.

Todos os observadores têm ouvido ahi nas plateias saltar a gargalhada imperial, real, diante dos lances afflictivos dos dramas, que a nós—se não pelo desempenho ao menos pelo principio que encerram—nos sensibilisam.

Para nós, pois, as revistas ou producções da mesma familia é que constituiriam as peças educativas d'um povo.

E não terão as mesmas difficuldades de imaginação, de concepção?

Creemos que sim.

No largo José Novaes, na ultima quinta-feira, seria i hora e meia da madrugada, pozeiram-se os moradores d'aquelle lindo ponto da villa em sobresalto, ao ouvirem uma voz sumida—como o estertor d'um porco, quando a face do matadór lhe chega á gorja—.

A sentinella bradou ás armas e seguindo caminho ao ponto d'onde vinha o som, encontrou-se na casa—situada entre a cadeia e bombeiros—em que reside o carcereiro.

*

Quando parte da guarda deu ingresso em tal casa, notou que se batia com as costas da mão n'uma porta de um dos quartos de dormida, que ali ha, e uma falla baixa: «Socegue o seu espirito, ó compadre.»

Afinal tinha sido o Luiz, dos paus, que tendo jogado com certos parceiros a *lamida*, conversou que tinha bastante dinheiro consigo. E vae sonhou, julgando que os companheiros, o estavam roubando.

O Guo deu um clyster ao Luiz e elle soceguo logo.

Ainda bem!

Um vendeiro da rua D. Maria II inventou certo meio de cobrar as dividas que enxaameiam o seu livro borrão.

Consta-nos, mesmo, que vae requerer ao Governo de Sua Magestade o respectivo privilegio d'invenção.

Olhava o nosso homem para a escripta e horrorisava-se que tivesse dado de beber e de comer a tanto bicho careta sem o pagamento de cára.

—Este é o peor dos negocios! O commerciante de fazendas de lã, seda e algodão, ainda se pôde encontrar na hypothese de mandar buscar a casa dos freguezes, os artigos de vestuario que vendeu, quando elles sejun caloteiros; o fabricante de calçado pôde sacar as botas pontegudas ao dandy, em plena rua, desde que falte ao pagamento prometido,—mas um taberneiro como eu, o que ha de ir buscar a casa dos freguezes? O vinho que beberam, os petiscos que comeram?

E depois de assim ter raciocinado, estendeu uma folha de papel sobre o balcão, e escreveu n'elle:

Fulano de tal, no dia tantos, ficou devendo, de seis postas de peixe frito, com salsa espalhada por cima; de quatro quartilhos de vinho branco; de molete—Total Reis...\$...

Ora depois collocou um mappu com todos estes esclarecimentos precisos á porta da sua *capellinha* e eis os primeiros resultados:—os mais envergoados, satisfizeram os seus debitos, resmungando por entre dentes; os descarados, para quem todo o mundo é seu, e portanto sua a taberna, praguejaram e não pagaram.

Fica aqui a descripção do invento a ver se algum dos assignantes a quer aproveitar. Nós vamos já fazer d'elle uso a respeito do Frederico, que não nos pagou a *Lagrima* (um ingratação a quem já fizemos um favor que nos eustou os olhos da cara).

Nota curiosa:—os grandes descobridores, inventores, homens de sciencia, soffrem sempre a malidicencia, a inveja. Assim, o auctor de tão prodigioso meio de cobrar dividas, ia soffrendo um desgosto espantoso. Os homens do sello—ou selheiros—por um triz que multavam o taberneiro, pela simples razão de não estar legal a relação dos caloteiros. Tinha de tór inutilisado um sello de meio tostão.